

## A POÉTICA DA NATUREZA EM *OS SERTÕES* DE EUCLIDES DA CUNHA

Marcos Rogério Cordeiro

Em sua rica e diversificada formação intelectual, Euclides da Cunha aprofundou o quanto pôde seus conhecimentos no campo das ciências naturais. Mas não ele não se limitou em especializar-se em diversas áreas, como a geografia, a geologia, a mineralogia, a botânica, zoologia, a paleontologia, etc. Mais que isso, ele procurou estabelecer uma relação profunda entre elas. Sua intenção - à semelhança dos grandes naturalistas, como Humboldt, Lund, Agassiz, Hartt e outros que leu e citou em sua obra -, era compreender a natureza como um sistema integrado no qual a forma exterior, palpável, sensível é expressão de uma forma interior. Assim como eles, Euclides realizou uma espécie de síntese das duas correntes que dividiam os cientistas no correr do século XVIII e XIX, o vitalismo e o mecanicismo. Como resultado, desenvolve um método de abordagem dos fenômenos da natureza como espaço da vida, concebido como um todo biológico, ordenado, orgânico, regido por uma lei da metamorfose. Para os naturalistas, “o resultado mais importante de um estudo racional da natureza consiste em captar a unidade e a harmonia neste imenso conjunto de coisas e forças.”<sup>1</sup> Por sua vez, em sua terra e com os recursos teóricos que dominava, Euclides procurou ver as mesmas qualidades na natureza, aplicar o mesmo método de investigação. Com isso, ao mesmo tempo, criou um estilo de escrita e pensamento, que o traço mais particular de sua obra.

Para começar, digamos que a linha de força de *Os sertões* se encontra em sua forma. Mas antes de ser uma forma artística, essa forma (suas características mais decisivas) se encontra na natureza. A natureza, portanto, é a proto-forma da forma artística da obra prima de Euclides da

---

<sup>1</sup> HUMBOLDT, Alexander von. *Cosmos: essai d'une description physique du monde*. Paris: Guérin, 1962. Vol. 1, p. LIV.

Cunha. Convém então identificar e analisar a forma da natureza como detalhe e como um movimento, que por sua vez, serão decalcados na obra como estilo de escrita.

A primeira parte de *Os sertões* (“A terra”) é o melhor ponto de partida para se reconhecer esse valor. Conforme o objetivo de Euclides, serviria como apresentação de uma vasta região do país a uma fração da população que praticamente a desconhecia: o livro inicia com a panorâmica em direção a um ponto inóspito, o sertão, assim descrito: “em nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, um claro expressivo, um hiato, uma *Terra Ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras.” (p. 100)<sup>2</sup> O sertão brasileiro aparecia assim como um cenário amplo, complexo e intrigante, que, mediante um método apropriado de abordagem, serviria para compreender a história e o destino do país.

Para alcançar o efeito pretendido, Euclides usou seu conhecimento técnico no campo das ciências da natureza com o fim de explorar mais e melhor os traços expressivos da terra.

Vê-se, de fato, que três formações geognósticas **dísparas** de idades mal determinadas, aí se **substituem**, ou se **entrelaçam**, em **estratificações discordantes**, formando o **predomínio** exclusivo de umas, ou a **combinação** de todas, os traços variáveis da fisionomia da terra. [grifo meu] (*O.S.*, p. 96)

A narrativa mostra a transformação ampla e profunda da terra, mas não a mostra em sua imediatez, e sim como *um processo e um resultado*: “Em luta surda, mas emocionante, para quem consegue lóbriga-la ao través dos séculos, entorpecidas pelos agentes **adversos**, a Terra se **transmuda** por **intuspecção**.” (p. 129). Aos poucos vai se desenhando uma teoria geológica do sertão baseada em um “desapoderado embater dos elementos, que ali **reagem** há milênios.” (p.99) Euclides insiste muito na descrição dos aspectos morfológicos do solo, isto é, das mudanças que

---

<sup>2</sup> Daqui por diante, as citações de *Os sertões* serão feitas no corpo do trabalho, a partir de: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. Vol. 2.

ocorrem no interior da terra (“o **movimentar**-se do solo”, p. 105) e, para isso, utiliza seus conhecimentos no campo das ciências da terra (geologia, geomorfologia, mineralogia, etc.) para dar cor à sua exposição.

Mas, como tinha uma visão integradora e como se armou teoricamente para dar conta dessa visão, Euclides procurou identificar essas mesmas qualidades que encontrou no interior da terra na natureza como um todo. Era assim que, por exemplo, via que as forças internas se exteriorizavam: “desenterram-se montanhas” (p. 99). A partir daí, desenvolve a teoria de que aquela paisagem estranha e surpreendente, era a *forma* de condicionamentos que se davam longe dos olhos humanos, no interior da terra:

Porque o que [as paisagens] denunciam - no enterroado do chão, no dismantêlo dos cêrros quase desnudos, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constricto das gargantas e no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos - é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por tôdas as modalidades climáticas. (p. 105)

Não se trata apenas de descrição de uma paisagem, mas da análise de sua estrutura interior: sua aparência é expressão do que se encontra dentro dela. *A natureza é, portanto, a manifestação de uma forma* - forma de um conteúdo. Mais ainda, a forma da natureza é o resultado de um conflito (“conflito secular”, p. 95) entre forças internas de estruturas que compõem a terra. Neste ponto convém lembrar que, como não se trata apenas de descrever a natureza mas de deixar que ela se expresse plenamente, o jogo de forças contrastantes é absorvida pela linguagem e se torna a marca de um método de escrita, um estilo, daí o uso freqüente de expressões que sublinham o embate de forças em oposição: conflito, antítese, antinomia, antagonismo, contrabater, entrechocar; disparidade, adversidade, contraste, extremo, discordar; reagir, convergir, divergir, combinar, equilíbrio, desequilíbrio; hibridez, unidade, movimento,

dinamismo, substituição, combinação etc. O uso sistemático desses termos representam o movimento em ato. Com isso, procuro mostrar que o importante aqui não é somente *o que é* descrito, mas também *como é* descrito, ou seja, a narração.

Como o interesse está voltado para o reconhecimento de um estilo e de uma linguagem, note-se que Euclides, de modo hábil, explora ao máximo as contradições que existem no objeto que observa (neste caso particular, o interior da terra), insiste no choque entre forças que se opõem e retira disso uma densidade expressiva enorme. Aceitas essas premissas, digamos então que a forma da natureza, que concentra tensões interiores, é a proto-forma da escrita empregada em *Os sertões*, uma particularidade que valoriza muito o seu estilo.

Voltando à análise do material do livro, é verdade que por vezes a narrativa se prende a uma obstinada descrição dos fatores físicos do clima da região, como a elevação ou a baixa da pressão atmosférica, a direção dos ventos, o corte do relevo (p.116-117). Mas as investidas de Euclides vão além da simples apresentação dos aspectos físicos da natureza, pois buscam um suporte para sustentar reflexões mais complexas, que possam servir como método de análise.

No ascender do verão acentua-se o **desequilíbrio**. Crescem a um tempo as **máximas** e as **mínimas**, até que no fastígio das secas transcorram as horas num intermitir inaturável de **dias queimados** e **noites enregeladas**. A terra desnuda tendo contrapostas, em **permanente conflito**, as capacidades emissiva e absorvente dos materiais que a formam, do mesmo passo armazena os ardores das soalheiras e deles se esgota, de improviso. **Insola-se** e **enregela-se**, em 24 horas. Copiando o mesmo singular **desequilíbrio das forças** que trabalham a terra, os ventos ali chegam, em geral turbilhonando, revoltos, em rebojos largos. [grifo meu] (p. 112-113)

A descrição se prende às particularidades climáticas do sertão, configurando-o como uma totalidade, na qual valores contrastantes são apresentados simetricamente (dia e noite, frio e calor, sol e gelo, máximo e mínimo), sugerindo certo **desequilíbrio** entre elas. Na verdade, o que na

narrativa se designa “desequilíbrio” se revela o termo de articulação entre forças opostas, sem o qual um nível mais profundo de reflexão não se sustentaria. Em vez de se excluírem e se anularem, os valores opostos se completam dentro de uma estrutura orgânica, apresentando a “regularidade com que **repontam** e se **extinguem**, intermitentemente,” as forças que a constitui, demonstrando, portanto, que “a natureza compraz-se em um **jogo de antíteses**” (p. 128). Por isso, quanto mais a transmutação se acomoda, mais se revolta (p.100) - característica que indica o rigor de um ciclo. “Dissociam-na [a terra] nos **verões queimosos**; degradam-na nos **invernos torrenciais**. Vão de **desequilíbrio** molecular à **dinâmica** portentosa das tormentas. **Ligam-se e completam-se**. E consoante o **preponderar** de uma e outra, ou o **entrelaçamento** de ambas, **modificam-se** os aspectos naturais” (p.105) Por um lado vemos como a narrativa arranja os termos contrastantes sem anulá-los respectivamente ou submetê-los uns aos outros: ela procura uni-los, fator de força que resulta na reversibilidade recíproca. Por outro, vemos muito claramente uma noção de ciclo que, uma vez configurado do modo como o foi, não representa uma simples repetição *ad eternum* de estados anteriores, mas supõe uma transformação constante do meio, cuja direção é difícil especificar: “acredita-se que a região ainda está preparando-se para a Vida” (p. 108).

Vejamos agora como esta visão da natureza se transforma (isto é, muda de forma) em um método de abordagem:

Dos breves apontamentos indicados resulta que os caracteres **geológicos e topográficos**, a par dos demais agentes físicos, mutuam naqueles lugares as influências características de modo a não se poder dizer qual o preponderante.

Se, por um lado, as condições genéticas reagem fortemente sobre os últimos, estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento daquelas; - e todas persistem nas influências recíprocas. (p. 111) (grifos meu)

O que interessa ver, em primeiro lugar, é a construção de um método de análise que englobe pressupostos opostos: um que investiga seu objeto (a terra) a partir dos dados que o constituem internamente (a geologia, ciência que estuda a origem e a constituição interior da terra), outro que o faz a partir dos dados externos (a topografia, que configura os acidentes de um terreno em sua superfície). Uma ciência se interessa pelo que está dentro, outra pelo que está fora. O uso simultâneo ou alternado de ambas, ajuda a criar um campo de forças de mediações: “Se por um lado as condições genéticas [geológicas] reagem fortemente sobre os últimos [topográficos], estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento daquelas - e todas persistem nas influências recíprocas” (p. 111). Deste modo, a compreensão profunda do sertão dependerá de uma noção de natureza como sistema, onde cada fenômeno estará estreitamente enlaçado a outros: “as condições estruturais da terra lá se vinculam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos” (p.105). Ou seja, a transformação estrutural da terra depende da conjugação de seus elementos internos aos externos, cada qual com sua dinâmica própria, em que forças naturais agem e reagem umas sobre as outras. Deste conjunto (uma *forma*) é que nasce o aspecto encantador da paisagem dura do sertão (“uma sugestão empolgante”, p. 107), cujo sentido de transformação, até agora visto como uma especulação no campo teórico, passa a ser experimentado na realidade sensível: “as paisagens admiráveis encantam e iludem as vistas” (p. 96), onde chapadas se assemelham a cordilheiras (p.98). Ao proceder deste modo, Euclides se alinhava às prerrogativas filosóficas do idealismo crítico alemão, base da ciência moderna, segundo as quais, “a ciência de algo, não [é] este algo mesmo [...] a doutrina-da-ciência deve estabelecer a forma de todas as ciências possíveis.”<sup>3</sup> Ora, comparando a teoria manifesta de Fichte com o método de análise de Euclides, ficamos diante de um sistema original e bem

---

<sup>3</sup> Ver J. G. Fichte, “Sobre o conceito de doutrina-da-ciência ou da assim chamada filosofia” (1973).

pensado de conduta científica mais importante que o seu objeto. Aprendemos assim que a reflexão e sua forma, a mediação, se mostram o fundamento último da ciência.

Por outro lado, e em segundo lugar, esse fundamento, justamente por se mostrar como manifestação de uma da forma (mediação), depende de sua construção textual. Passando da análise teórica à análise da construção narrativa (poética), o que vemos aqui é a modulação do foco narrativo: um ponto de vista, representado pela geologia, se localiza de dentro para fora; outro, representado pela topografia, se localiza de fora para dentro. Trata-se de um processo de perspectivação, cujo resultado é a elaboração de uma visão de conjunto. Deste modo, um procedimento tipicamente científico se traduz em método de composição narrativa: deslocando o ponto de vista a partir do interesse de ciências particulares e relacionando-as umas às outras, essas ciências ajudam a dramatizar a narrativa, perspectivando-as.

Como consequência deste método de construção narrativa, observamos que o narrador serve de guia ao leitor, delimitando seu campo de visão:

**aqui** apontam os últimos fragmentos de rochas enterradas; **adiante** se escalonam em alinhamentos incorretos; **adiante**, estas conformações naturais se bipartem; no rumo do **norte** a série de grés figura progredir até o platô arenoso; enquanto para **nordeste** se desvendam as formações antigas”. ( p. 98-99 - grifos meus).

Note-se, a seguir, que o tom professoral e o distanciamento necessário ao analista, cedem à certa aproximação entre narrador e leitor, aproximando-os, denunciando uma alteração no procedimento narrativo: “**Atravessemo-la**” [convida, referindo-se à “paragem formosíssima dos campos gerais”] (p. 99).

Observe-se ainda que, assim descrita, a paisagem natural não se mostra como algo que esteja ali, diante dos olhos como algo fixo, mas, ao contrário, como algo que se move, modificando com frequência a impressão que desperta: “[o arraial] visto daquele ponto, de

permeio a distância suavizando-lhes as encostas e aplainando-os, davam a ilusão de uma planície ondulante e grande” (p. 110). Em outras passagens, a paisagem aparece aos poucos: “o ‘facies’ daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente... Galga-se uma ondulação qualquer - e ele se desvenda ou se deixa adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monótono” (p. 103).

Como saldo desta arquitetura intrincada, podemos reconhecer a fusão plena entre ciência e literatura. Não se trata tanto de dizer que a literatura constitui um discurso a mais ao lado da ciência, ou que se encontra subordinada a ela, mas sim que constitui *o discurso por excelência*, uma vez que é responsável pela organização do conjunto do livro.

Para finalizar, digamos que o perspectivismo funciona em dois fusos. Primeiro, como artifício poético, na medida em que dramatiza (isto é, promove a integração de determinados conteúdos numa totalidade orgânica, conservando, porém, a autonomia de cada um) os diversos gêneros, estilos e ciências. Segundo, como recurso filosófico, porque a dialética (que funciona no processo de criação e reflexão) funciona como suporte para a arquitetura da dramatização. Assim, o recurso da perspectivação, que é um dispositivo estilístico, uma prerrogativa da linguagem, possui um lastro filosófico de compreensão (científica) e exposição (narrativa). Ou seja, enquanto a poesia garante a plenivalência do que é heterogêneo, a filosofia promove a sua exposição em ato (a dialética se mostra aqui, como em seus primórdios, um discurso). Neste traspassamento, revela-se a força mediadora de um sistema; revela-se, em outros termos, a forma de *Os sertões*.